

“ENQUANTO HOUVER UM EU E UM OUTRO”: UTOPIA E PONTO DE VISTA EM A MÃO ESQUERDA DA ESCURIDÃO

LARA DOS SANTOS AZEVEDO¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – lara.santos.azevedo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A preocupação com as consequências reais dos estudos e avanços das ciências biológicas é imensamente presente em textos de ficção científica desde seus primórdios. Esse gênero, de certa forma, leva a cabo conceitos de robótica, física e biologia em uma espécie de experimento de pensamento informado tanto por dados e resultados reais, quanto pelas preconcepções de quem escreve. Como coloca Paul Lee Thomas (2013):

"Parece ser lugar de obras de ficção científica, sejam romances, filmes ou quadrinhos, chamar leitores e espectadores para aquele outro mundo que está perto o suficiente do mundo real para que a audiência possa ver a realidade, não distorcida como está naquela obra, mas de forma mais clara." (p. 14, tradução nossa)

No entanto, definir a ficção científica como um gênero apenas preocupado em levar os resultados de avanços científicos às suas possíveis consequências finais é ignorar que o terror ou sucesso destas só se torna aparente e tangível pelas suas consequências sociais e humanas.

Em *A Mão Esquerda da Escridão*, assim como em todo o corpo de sua obra, Ursula K. Le Guin se empenha em ocupar o papel de observadora social do “aqui e agora” através da justaposição com o seu futuro imaginável e intangível - Gethen. Le Guin responde a uma onda de discursos feministas tão utópicos quanto eram separatistas, à ideia de que uma utopia feminina seria imbuída de ideais pós-gênero e de que a abolição de uma estrutura de poder - o gênero social - faria ruir todas as outras.

A preocupação de Le Guin, personificada no personagem-narrador Genly Ai, é cultural e social. A questão central não é *como* podemos chegar a existir em uma sociedade sem a construção social do gênero, mas sim o que nos resta quando a utopia é alcançada. O que vemos em Gethen é a materialização de um dos principais ideais feministas das décadas de 1960 e 1970: uma sociedade onde o gênero nunca fez parte das estruturas dominantes, e o que vemos não é uma sociedade absolutamente justa onde a opressão não existe. O poder em Gethen toma outras formas, algumas delas muito familiares a Genly Ai, o narrador que serve como espelho e olhos do próprio leitor. Assim, fica claro que existem,



para além das tensões culturais causadas pela inacessibilidade de Genly ao *modus operandi* dos gethenianos, pontos de contato entre essas duas culturas que devem ser desconfortáveis para o leitor.

Não seria possível, então, ler *A Mão Esquerda da Escuridão* como uma utopia propriamente realizada sem antes lidar com as facetas mais desconfortáveis do ideal social proposto. Isso nos leva a questionar o que significa considerar o personagem-narrador como não confiável, como parcial, a partir da concepção de sujeito conhedor da epistemologia feminista de Donna Haraway.

2. METODOLOGIA

A análise se deu a partir da leitura da obra supracitada e também de outros escritos relevantes às questões que permeiam a ficção científica quanto gênero literário, como Jameson, Thomas e Funck. Esse processo se fez importante para o desenvolvimento de uma compreensão mais aprofundada dos temas que consideramos centrais para o entendimento do romance.

Também importante foram os exercícios de leitura e discussão de textos teóricos sobre gênero e cultura, que serviriam como base para a discussão especializada do assunto, assim como a leitura de textos críticos sobre *A Mão Esquerda da Escuridão* que pudessem auxiliar na compreensão holística da narrativa em relação ao seu contexto histórico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O intuito maior deste trabalho é a análise da natureza da sociedade utópica de *A Mão Esquerda da Escuridão*. Para tanto, consideramos seu contexto de produção fruto de pesquisa anterior. Como Funck observa em *Feminist Literary Utopias* (1998), as utopias da década de 1970 são explicitamente feministas “no sentido em que o seu alvo principal não é o capitalismo mas sim o patriarcado” e portanto “negam a validade de discursos hegemônicos e de instituições ao mesmo tempo que promovem uma redistribuição e reconceitualização do poder”¹ (p. 17, tradução nossa). Conceituar a ficção de Le Guin dentro desta tradição se prova um desafio, já que a narrativa pode ser lida tanto como uma desconstrução do patriarcado (e dessa forma, alinhada com o discurso feminista à época), como uma negação das ideias essencialistas do feminismo de Segunda Onda e suas utopias.

Le Guin escreve na introdução da edição de 1976 de *A Mão Esquerda da Escuridão* que a ficção científica não é um gênero prescritivo, mas *descriptivo* e comprometido em descrever o presente. Nas suas próprias palavras: “[os

¹ “Explicitly feminist in that their main target is not capitalism but patriarchy, [1970s feminist utopian] fictions deny the validity of hegemonic discourses and institutions at the same time that they promote a redistribution and reconceptualization of power.”



romancistas] não dizem o que você vai ver e ouvir. Tudo o que podem dizer é o que viram e ouviram durante sua vida nesse mundo [...]” (LE GUIN, p. 13). A ficção científica, para Le Guin, não é uma resposta e sim uma pergunta sobre o nosso próprio contexto. É esta visão que nos permite ler *A Mão Esquerda da Escuridão* como uma espécie de experimento de pensamento baseado na filosofia feminista de Segunda Onda.

No universo de Le Guin, o estranhamento no contato com o Outro alienígena é predominantemente cultural. Mesmo a androginia dos guethenianos de Le Guin não causa estranhamento físico no protagonista terrano Genly Ai, já que não há nada *claramente* alienígena na sua anatomia. Assim, Le Guin está livre para explorar sobre concepções *culturais* de gênero.

A androginia é, então, a ferramenta de exploração das consequências da abolição do gênero em *A Mão Esquerda da Escuridão*, assim como uma ferramenta de exploração do Outro - que causa estranhamento *apesar* de ser humano em aparência. O corpo Getheniano, para Genly (e, por extensão, para o leitor) é a contradição materializada: indeterminado e não-binário quando em sua fase não sexual, mas sempre potencialmente sexual e, por isso, inherentemente imprevisível.

4. CONCLUSÕES

A preocupação de Le Guin, personificada no personagem-narrador Genly Ai, sua crítica e a utopia descritas em *A mão esquerda da escuridão* não estão na eliminação da parcialidade, já que a parcialidade é inerente ao sujeito. A leitura que propomos é de que a utopia só é de fato alcançada quando o narrador chega à aceitação da realidade desses corpos divergentes. A harmonia utópica não se manifesta pela eliminação da diferença, mas sim pela aceitação dela por parte do observador. Genly não se torna o outro e nem deixa de ser si mesmo, mas deixa de ser apenas observador e passa a ser partícipe; é deste movimento em direção à aceitação de sua vulnerabilidade que nasce o entendimento do Outro que até então fora ininteligível e alienígena.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUNCK, S. B. **Feminist Literary Utopias**. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês/UFSC, 1998.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. n. 5, Cadernos Pagu, 1995, p. 7-41.

THOMAS, Paul Lee. **Science fiction and speculative fiction**: challenging genres. Rotterdam: Sense, 2013. Disponível em: <<http://site.ebrary.com/id/10756598>>. Acesso em: 26 dez. 2020.



LE GUIN, Ursula K. **A mão esquerda da escuridão**. São Paulo: Aleph, 2019.